

## Traduzir em São Luís do Maranhão: Relato de uma oficina

Émilie Geneviève Audigier<sup>1</sup>

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

emilie.audigier@ufma.br

José de Mota de Sousa<sup>2</sup>

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

jdemotadesouza@gmail.com

Vanessa Soeiro Carneiro<sup>3</sup>

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

vanessasc15@gmail.com

**Resumo:** O curso de extensão “Vice Versa, Oficina de tradução do francês: Das ciências sociais a Literatura” é um projeto aberto à comunidade, ofertado pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), cujo intuito é oferecer a possibilidade de desenvolver uma prática de tradução (de textos literários e ensaios das ciências humanas) aos participantes. A primeira edição ocorreu em 2019. Neste artigo propomos um relato sobre o desenvolvimento da oficina e as questões que foram levantadas.

**Palavras-chave:** Oficina de tradução. Tradução coletiva. Gestos de tradução. Leitura pública.

### Workshop Report in São Luís do Maranhão

**Abstract:** The extension course “*Vice Versa, Oficina de tradução do francês: Das ciências sociais a Literatura*” (Vice Versa, French Translation Workshop: From Social Sciences to Literature) is a project open to the community, offered by the *Universidade Federal do Maranhão* (UFMA), whose aim is to offer the possibility of developing a translation practice (of literary texts and essays in the human sciences) to the participants. The first edition took place in 2019. In this article we propose a report of the development of the workshop and the issues that were raised.

**Keywords:** Translation workshop. Collective translation. Translation gestures. Public reading.

<sup>1</sup> Professora de Letras da Universidade Federal do Maranhão, coordenadora do Núcleo de pesquisa e extensão em Tradução Literária Versa (CNPq). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0066199994022689> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0939-394X>

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Maranhão. Professor de língua e literatura francesa no NCL. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9343188800452948> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4718-2713>

<sup>3</sup> Mestra em Letras pela Universidade Federal do Maranhão. Professora substituta na Universidade Federal do Maranhão. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3748850722281584> Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-7294-0163>

*Dans la relation, la Différence devient sans absolu de référence: à la fois permanente, changeante et dynamique. Ainsi, elle rejoint dans notre imaginaire l'énergie du vivant.*  
Patrick Chamoiseau

## **1. INTRODUÇÃO**

A relação do Maranhão com a França, e portanto com a língua francesa, remonta há mais de 400 anos, desde a fundação da Ilha de Upaon-Açu. Apesar de a fundação francesa de São Luís ser um debate entre alguns historiadores, há de se destacar que a relação com a chamada França Equinocial aconteceu. Séculos depois, no século XIX, os poetas-tradutores em São Luís conseguiram fazer de São Luís uma das capitais culturais mais agitadas no campo da tradução.

Ao longo do século XIX, São Luís destacou-se como o principal centro editorial do Brasil. Nesse cenário singular, a tradução notabilizou-se por meio dos intelectuais e, sobretudo, dos escritores e poetas maranhenses, como Odorico Mendes, o primeiro grande tradutor de Homero e Virgílio, Gonçalves Dias e Artur Azevedo, responsável por traduzir inúmeras peças. A quantidade de tradutores e de obras traduzidas impressiona, pois o público leitor ludovicense era exíguo, além, obviamente, de o Brasil da época ter um índice alarmante de analfabetos; no entanto, existia um público, fosse de escritores, fosse da burguesia que ansiava por consumir o que era produzido na Europa. Sobre tal discrepância entre o número de traduções produzidas e publicadas e o número de leitores, CARVALHO (2021, p. 5 – grifos nossos) ressalta que:

A participação de tradutores na vida editorial da cidade de São Luís, durante o século XIX, é forte indicativo de que o especializado trabalho que realizaram ia muito além da simples necessidade de títulos estrangeiros ditada pelo mercado editorial – negócio livreiro, aliás, que apenas se iniciava no Brasil. Daí a assunção: *o trabalho de tradução, em solo maranhense, permite que se o encarre como resultante de uma orientação de caráter coletivo, tamanha a quantidade de especialistas que labu-taram nesta seara.*

Podemos pensar esse caráter coletivo como a tentativa de um grupo de escritores e poetas de formar pessoas que estivessem atentas ao debate feito no estrangeiro, visto que a tradução é um meio de fazer as ideias de outras culturas circularem na cultura letrada brasileira ainda em formação. Cada tradutor baseava-se em princípios próprios, cujos resultados ou eram obras de alta qualidade e com requintes de erudição, como fez Odorico Mendes, ou de qualidade inferior, mas pautando-se na transmissão de forma mais clara e precisa do conteúdo do texto traduzido, como em obras da área de ciências. Esse empenho coletivo preparava de alguma maneira um legado para a posteridade. Quantos escritores e poetas brasileiros e mesmo estudantes de medicina e de direito, no século XIX e meados do século XX, leram os clássicos, tratados e compêndios graças ao trabalho dos tradutores maranhenses? Todavia, conforme salienta Carvalho (2021), o protagonismo pioneiro dessa coletividade e também das casas editoriais de São Luís é pouco analisado nas academias, além de a maioria dos tradutores nem ter sido lembrada ao longo de décadas com publicações de suas traduções.

Neste sentido, não é exagero afirmar que São Luís é uma das únicas cidades brasileiras com uma imbricação tão profunda com a França. Assim sendo, a língua e seus diversos usos permanecem presentes nela não só em documentos históricos, mas também no cotidiano da cidade. Não são poucas as ruas, avenidas e praças cujos nomes remontam à França, além disso, essa herança é encontrada em diversos aspectos culturais (a exemplo do arroz de cuxá) e na sempre presente menção da influência francesa em museus e espaços institucionais.

Entretanto, apesar desta forte relação, o estado do Maranhão ainda carece de espaços educativos que possam fortalecer o vínculo com a França. O fechamento da Aliança Francesa de São Luís há alguns anos, assim como a ausência de uma prática de ensino de tradução francês-português ou português-francês nos cursos superiores das universidades maranhenses reforçam a necessidade de se retomar um investimento maior no que concerne às articulações Maranhão-França.

Ademais, os currículos dos cursos de Graduação de Letras e Língua estrangeiras da UFMA e de outras universidades de São Luís propõem, na maioria dos casos, oportunidades profissionais ligadas apenas à área de ensino de língua ou de letras estrangeiras, sem praticamente nenhuma menção à possibilidade de traduzir. A profissão de tradutor representa uma oportunidade relevante para os estudantes de Letras em língua francesa. Essa atividade extremamente exigente não se improvisa e necessita ferramentas que só a prática poderá aprimorar.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> A primeira edição do projeto ocorreu em setembro a dezembro de 2019, totalizando 60 horas.

Contudo, atualmente existe no Brasil, em no mundo, a criação de diversas especializações em tradução ensinadas no Ensino Superior e em outros segmentos do Ensino Médio. As disciplinas e formação em vínculo com a tradução vêm crescendo em universidades públicas e privadas internacionais. Se antes o tradutor procurava, sozinho, na biblioteca ferramentas para tradução, hoje em dia ele possui possibilidades de tradução mediadas por um docente, mediador ou formador e todo um conjunto de teorias. Logo, o Curso de Extensão em tradução se propõe a cumprir um dos objetivos primordiais de uma universidade além de expandir as inúmeras possibilidades da relação Maranhão-França.

É interessante destacarmos que a coordenadora e idealizadora do projeto de pesquisa e extensão em tradução literária Versa<sup>5</sup>, a professora e tradutora Émilie Audigier, possui uma ampla experiência em tradução, tendo participado de oficinas em diversas instituições tanto no interior quanto no exterior do Brasil (*Collège International de Traduction Littéraire*, na França; Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro e nas Pós-Graduações em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina e na Universidade de Brasília). Sendo assim, a metodologia do curso de extensão “Vice Versa, Oficina de tradução do francês: Das ciências sociais a Literatura” tem por base as metodologias previamente experienciadas.

A oficina ofereceu três horas semanais de prática coletiva visando aperfeiçoar e divulgar a cultura e a língua francesa a partir da literatura de várias épocas e ensaios de Ciências Humanas inéditos no Brasil. Ela visou trazer novos conhecimentos para a sociedade de São Luís e possibilitou uma sensibilização à atividade tradutória no âmbito de expandir a cultura maranhense (literária, histórica e artística) para França, e reciprocamente as culturas francófonas no Maranhão<sup>6</sup>.

É importante ratificarmos também que os principais objetivos do curso de extensão foram ensinar a prática de tradução do francês/português e português/francês para estudantes de letras e membros da comunidade maranhenses falantes do francês e criar um grupo de tradutores ativos, pondo em prática, assim, a noção de tradução com “várias cabeças” e do gesto tradutório. Além disso, o projeto também objetivou traduzir textos – pertencentes a vários gêneros – de maneira individual e coletiva; aperfeiçoar o nível de francês dos participantes, usar as ferramentas e metodologias de tradução e criar uma rede de contatos para entrar na profissão de tradutor<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Cf. Site do Versa: [www.versa.ufma.br](http://www.versa.ufma.br)

<sup>6</sup> Por conseguinte, é necessário que os interessados em participar das atividades do curso possuam um nível intermediário de conhecimento da língua francesa. Logo, a coordenação responsável pelo projeto exige que os candidatos participem de um processo seletivo com o intuito de comprovarem possuir domínio do idioma equivalente ao nível B2 do Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (CEFR).

<sup>7</sup> As matérias no portal da UFMA sobre a oficina <https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=54198>  
Publicado em: 10/03/2020, e consultado em 20/06/2021.

Em um primeiro momento, discuremos sobre a fundamentação teórica que norteou as discussões durante os encontros da oficina. Na segunda analisaremos a metodologia utilizada abordando os principais aspectos pedagógicos e didáticos que fundamentaram as atividades desenvolvidas. Por fim, consideramos as perspectivas da oficina a partir dos textos estudados nela.

## **2. TRADUÇÃO: REESCRITA E TRANSFORMAÇÃO**

A pesquisadora Rosemary Arrojo (2002) trabalha com a ideia de oficina tanto como um “espaço de ofício” quanto como um “laboratório”. O primeiro funciona como um lugar propício à prática de tradução no qual teoria e prática se encontram e caminham lado a lado enquanto o processo tradutório se desenvolve. Nesse caso, a teoria auxilia principalmente durante os momentos de tomadas de decisão. O segundo é um espaço de experimentação linguística no qual as fórmulas e os conceitos teóricos são postos em prática e testados. Os dois conceitos não são independentes, mas sobrepõem-se e completam o sentido de como, em sua concepção, uma oficina de tradução deve funcionar. Eles também serviram de base para a elaboração da oficina e por isso é importante destacarmos que, em momento algum, a oficina em análise teve a pretensão de ditar regras para o processo tradutório. Pelo contrário, as discussões teóricas que aconteceram durante os encontros tinham como objetivo investigar o processo de tradução e os percalços que o envolvem.

Aliás, a oficina retomou uma pergunta constante, com a qual nos deparamos na tarefa de traduzir, o que é traduzir, e em que consiste a escrita tradutória? A princípio, podemos afirmar que traduzir um texto é reescrevê-lo em um segundo idioma, diferente daquele em que foi originalmente escrito. Entretanto, essa é uma abordagem superficial para descrever um processo tão complexo quanto a tradução. A fim de fazermos uma abordagem mais aprofundada, precisamos primeiro considerar que a escrita pertence ao campo linguístico e para que essa questão seja melhor compreendida, ressaltamos, conforme os primeiros estudiosos da tradução:

...cada homem está sob o poder da língua que ele fala; ele e seu pensamento são um produto dela. Ele não pode pensar com total determinação nada que esteja fora dos limites da sua língua. A configuração dos seus conceitos, o tipo e os limites de suas articulações estão previamente traçados para ele pela língua que ele nasceu e foi educado; o entendimento e a fantasia estão ligados por ela.

(SCHLEIERMACHER, 2007, p. 238).

---

<https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=55838>

Leitura coletiva de traduções francesas encerra Ciclo Internacional de debates em Tradução com o tema “Traduções na história”:

<https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=55439>, consultado em 20/06/2021

Portanto, um texto é moldado pelo idioma no qual foi originalmente escrito, da mesma forma, uma tradução é limitada pelo idioma no qual é concebida. Além disso, uma mesma palavra pode ter diferentes significados, mas esses significados podem diferir de uma língua para outra.

Em segundo lugar, precisamos levar em consideração que a linguagem está associada à cultura, pois uma língua, sua cultura são intimamente vinculados, logo, um confronto cultural se torna inerente ao processo tradutório. Isso ocorre porque “O movimento de tradução consiste numa abordagem particular da obra estrangeira. Não se trata apenas de uma apropriação do outro, de uma mediação, mas também de uma abertura ao estrangeiro, de um confronto entre a própria cultura e a cultura do outro” (AUDIGIER, 2009, p. 133). Ou seja, ao se reescrever um texto em um idioma diferente do original não se está traduzindo apenas a língua na qual foi escrito, mas também a cultura. Os aspectos culturais apareceram na oficina, por exemplo, na pesquisa dos elementos de Haiti e Ruanda, com a tradução do conto “Le Malheur” da escritora Scholastique Mukasonga ou de Lyonel Trouillot, em seu romance “L’amour avant que j’oublie”, com suas referências culturais.

Um terceiro ponto importante é que uma obra traduzida é híbrida: o autor que a escreveu, o tradutor que a traduziu, levando em conta o público a que se destina e a língua na qual foi composta, manipulada por diversas pessoas como o editor, o revisor, entre outros. À tradução, segundo os estudiosos da área da tradução, acrescentam mais dois aspectos: a obra da qual se origina e a língua na qual está sendo traduzida. Isso posto, os tradutores se deparam com a seguinte questão: a quem sua tradução deve servir? Quanto a isso, existem duas vertentes principais, as traduções com tendência *target oriented* – que se voltam para a recepção e se preocupam mais com a língua “de chegada” – e as que tendem a ser *source oriented* – que se preocupam mais em respeitar a obra original. Encontramos validação para essa ideia nos estudos do filósofo Friedrich Schleiermacher, que afirma que

Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranqüilo possível e faz com que o leitor vá ao seu encontro, ou bem deixa o mais tranqüilo possível o leitor e faz com que o escritor vá ao seu encontro. Ambos são tão completamente diferentes que um deles tem que ser seguido com maior rigor...

(SCHLEIERMACHER, 2007, p. 242 – grifo nosso).

Entendemos, pois, que por mais que os tradutores se inclinem para uma dessas vertentes e a priorizem, sendo que na oficina não opomos uma vertente com a outra de forma radical.

É inegável a importância do público-alvo de uma tradução, ainda mais se estamos tratando de uma obra infantil ou de uma tradução voltada para crianças. No primeiro caso, é comum, por exemplo, que o tradutor opte por modificar nomes de personagens que estejam associados a determinadas características. Tomemos como amostra as traduções dos nomes das personagens Cascão que, em inglês, tornou-se Smudge, e Cinderela, cujo nome original é Cendrillon. Já no segundo caso, o

processo tradutório costuma ser acompanhado de um processo de adaptação. Um conto de fada<sup>8</sup> cuja publicação tem a comunidade infantil como alvo não será traduzido da mesma maneira que seria caso a publicação fosse voltada para colecionadores adultos, por exemplo.

Da mesma maneira, uma obra antiga (no corpus da oficina, Joaquim du Bellay, por exemplo, com *Défence et illustration de la langue française*, 1549), pode ter uma tradução com uma linguagem semelhante a da época na qual foi escrita ou uma mais modernizada, dependendo do tipo de leitor a que se destina (público amplo, ou especializado). Porém, embora o público-alvo de uma obra traduzida seja de fato importante, ponderamos que o tradutor precisa considerar as nuances e estranhezas da língua primária.

Quanto a isso, há tradutores que acreditam que uma obra deve ser traduzida de modo que pareça ter sido originalmente escrita nessa segunda língua. No entanto, esse é um ideal impossível de ser alcançado, fundado numa ilusão, que apagaria todo o processo da tradução.

Traduzir, escrever, as atividades são próximas, mas inversas. Próximas porque se exercem sobre a língua e carregam um pensamento da obra e da transmissão; inversas porque o tradutor se emprega em desfazer o que o escritor fez. Para refazer numa outra língua o que foi feito num poema, ou num livro, é preciso cuidadosamente destecer o texto para traduzir, desmontar, o despedaçar, o deixar informe, antes de lhe dar novamente uma forma (SAMOYAULT, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Considerando que a língua limita tanto o pensamento do autor quanto do tradutor, mas também é polissêmica por natureza, compreendemos que é inviável tentar fazer uma tradução que transponha palavra por palavra para a segunda língua e ainda mantenha seus significados intactos. Sendo assim, concordamos com Arrojo (2002) quando ela afirma que a imagem da tradução não deve ser a de uma carga sendo transportada de um vagão de trem para outro, mas a de um palimpsesto.<sup>10</sup> Essa imagem fica mais clara quando analisamos as etapas envolvidas no processo tradutório, e essas etapas se sucederam na oficina de tradução.

Antes de se traduzir um texto é preciso compreendê-lo pois não se pode traduzir o que não se entende. Porém, essa compreensão não deve ser superficial se atendo aos significados primários das palavras, mas sim profunda, após repetidas leituras, buscando os possíveis sentidos do conjunto de palavras que formam a obra. Esse tipo de discernimento textual só é possível através da interpretação

---

<sup>8</sup> Para melhor compreensão do nosso argumento, acreditamos ser necessário reforçar que a maioria dos contos de fadas não eram originalmente voltados para crianças.

<sup>9</sup> Traduire, écrire : les activités sont proches mais inverses. Proches parce qu'elle exercent sur la langue et portent une pensée de l'oeuvre et de la transmission ; inverses parce que le traducteur s'emploie à défaire ce que l'écrivain a fait. Pour refaire dans une autre langue ce qui a été fait dans un poème ou dans un livre, il faut soigneusement détisser le texte à traduire, le démanteler, le mettre en pièce, le rendre informe, avant de lui redonner forme." (Tradução nossa). Samoyault, Traduction et violence. Paris: Seuil, 2020.

<sup>10</sup> Antigamente era comum que papiros e pergaminhos fossem reutilizados, para tanto, raspava-se a tinta do texto escrito e sobre ele escrevia-se um novo. A esses pergaminhos dava-se o nome de palimpsesto.

da obra. Todavia, faz-se necessário enfatizar que, por mais minucioso que o procedimento interpretativo seja, é impossível deduzir por completo quais eram as intenções do autor, e os efeitos causados no leitor, logo, a tradução não se baseia no que o tradutor interpreta da obra. Destarte, a interpretação se assemelha ao processo de raspagem do texto quando todos os possíveis significados são extraídos e a obra é desconstruída. Após a desconstrução, é necessário reconstruir o texto reescrevendo-o em uma língua secundária. Essas etapas de transformação textual compõem justamente o desenvolvimento da tradução.

O processo tradutório se torna ainda mais complexo quando o texto traduzido pertence ao campo da literatura, especialmente se for um texto poético<sup>11</sup>. Enquanto uma obra não-literária costuma privilegiar a objetividade e evitar a ambiguidade, os textos literários fazem o contrário utilizando a polissemia da língua como uma das ferramentas para a construção textual. Além disso, também é comum que essas obras utilizem a forma do texto e a sonoridade das palavras como instrumentos importantes para sua composição final. Todos esses aspectos devem ser considerados pelo tradutor, que muitas vezes precisa escolher quais deles enfatizar em sua tradução.

É necessário salientarmos também que “Os sons, as palavras são uma moeda viva. Circulam, se trocam, pertencem a ninguém. Até quando os seguramos, os jogamos ao vento, são retomados por outros. A tradução nos lembra que não temos autoridade nas palavras ou que esta autoridade é frágil, que somos sempre nas palavras dos outros.”(SAMOYAULT, *Traduction et violence*, p.191). Em outras palavras, como pensava Luís Jorge Borges, a tradução é umas das atividade mais misteriosas e fascinantes do campo das letras, pois ela recua e amplia os limites tradicionais que conhecemos de autoria.

### **3. DA SALA AO PALCO: O PERCURSO DA OFICINA**

Assim como outras áreas, o ensino de tradução pautou-se na centralização do professor, visto como o detentor dos conhecimentos sobre o que seria uma tradução ideal ou fiel ao original. Sem levar em conta as escolhas e estratégias dos alunos na resolução dos problemas tradutórios, decidia o que era certo ou errado, isto é, sua versão era o modelo a ser seguido na correção dos erros. Isso é o pilar da *performance magistrale* (conferência magistral), que, conforme Esqueda (2018; 2020), guia ainda a prática da maioria dos professores, apesar dos grandes avanços nas pesquisas sobre o ensino de tradução. Poucos propõem métodos que descentralizam o professor, pondo-se como mediador no debate entre os alunos sobre as decisões que norteiam suas versões e fazendo-os perceber que as traduções são múltiplas e dependem do objetivo visado pelo tradutor, além de muitos aspectos envolvidos com relação ao original e à própria cadeia da produção editorial.

---

<sup>11</sup> Na oficina, foi escolhido trabalhar em poemas de René Char.

Distanciando-se, portanto, da *performance magistrale*, na qual “os alunos normalmente não interagem entre si” e “a interação é unilateral e geralmente limitada a diálogos nos quais o participante é sempre o mesmo – o professor” (ESQUEDA, 2020, p. 130), a Oficina de Tradução Vice-Versa engajou-se amplamente em seguir, por meio da professora Émilie Audigier, os poucos que fazem a diferença no ensino de tradução. Por tratar-se de um público diverso, cuja única semelhança era o conhecimento do francês, descortinou-se um leque de experiências e perspectivas sobre o ato e as muitas implicações do traduzir, com os participantes/alunos interagindo de forma ativa.

Dada a diversidade do público, cuja maioria dos participantes era das ciências humanas e sociais, mas havia igualmente das ciências da saúde, o desenvolvimento da oficina baseou-se em sua amplitude na proposta de Arrojo (2002, p. 8) ao “auxiliar a entender o que acontece quando traduzimos e também a enfrentar o constante processo de tomada de decisões em toda tradução”, além de pôr em prática e testar “as fórmulas e os conceitos aprendidos na teoria” e expor “os instrumentos e os mecanismos” que subjazem à tradução enquanto “indústria”, “arte” e “profissão”. Assim, partindo do senso comum sobre tradução, passando pela teoria e chegando à prática, em cada processo e etapa, a aquisição dos conhecimentos sobre esse imenso e diverso mundo acontecia de forma coletiva e contínua, sem se chegar a uma certeza imposta pela condutora da oficina.

Em face do processo dinâmico da tradução, a oficina também se traduziu através dos lugares por que passou, configurando-se de acordo com cada etapa. A UFMA foi o lugar onde ocorreram os primeiros encontros, cujos objetivos eram: 1) apresentar a oficina e suas etapas aos participantes e 2) iniciar a discussão sobre escolhas que permeiam uma tradução a partir da comparação dos originais e suas versões. Para as tarefas propostas, os participantes reuniam-se em duo, trio ou quarteto, para analisar os textos selecionados para essa fase: *Faca* de Ronaldo Correia de Brito, traduzido pela coordenadora, foi apresentado assim como as . Ao fim da análise, o debate acontecia de modo coletivo, no qual se apontavam os prós e contras do texto traduzido e tentava-se supor as razões das escolhas do tradutor e também propor uma nova tradução para algum trecho problemático.

Passados os encontros iniciais, a oficina saiu do espaço acadêmico e adentrou a Casa do Maranhão, espaço cultural e artístico, localizado no Centro Histórico de São Luís. A configuração do ambiente destinado aos participantes era um círculo, sendo desfeito apenas para a continuidade da análise em duo, trio ou quarteto e refeito para o debate das versões. Após o término dessa etapa, os participantes, já com um bom embasamento teórico, trazido sempre durante as discussões, escolheram os textos para seus projetos tradutórios individuais, os quais começaram a ser apresentados nos encontros seguintes na Casa do Maranhão e continuaram no Centro Cultural do Mistério Público do Maranhão.

O terceiro lugar, igualmente um espaço cultural, localiza-se no centro de São Luís. O diferencial foi um espaço aberto onde havia mesas, ideal para a terceira etapa da oficina: a execução dos projetos tradutórios e suas sucessivas discussões ora em grupos, ora coletivamente. Nessa etapa, as traduções ou eram realizadas no próprio espaço, com dúvidas sendo discutidas no momento da execução, ou em casa, cuja leitura era precedida da discussão e propostas de resolução das dúvidas e problemas tradutórios. Posteriormente, seguiu-se a penúltima etapa, na qual dois ou três participantes apresentavam suas traduções coletivamente, recebendo as sugestões sobre pontos problemáticos ou esclarecendo dúvidas sobre suas escolhas.

Os textos escolhidos para a consecução de cada projeto tradutório eram e continuam sendo inéditos, visto que, desde o término da oficina, não verificamos nenhuma publicação realizada a partir da tradução dos participantes nem de terceiros. Eis, pois, os textos inéditos trabalhados durante a oficina:

**Bloco I: Ciências Humanas e Sociais**

	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>ANO</b>	<b>TRADUTOR</b>
01	<i>A DESIGUALDADE ESTÁ NO ÂMAGO DOS PROBLEMAS SOCIAIS?</i>	HUBERT GUILLAUD	2019	Marta Barros e Silva
02	<i>PARTEIRAS: UM MUNDO PELAS MÃOS</i>	Instituto NÔMADES	2013	MARIE-FRANCE SCHMITTER DOS SANTOS
03	<i>POLÍTICA INTERNACIONAL E DEFESA NO CANADÁ E EM QUÉBEC</i>	Kim RICHARD	2007	Poliana de Cássia ARAÚJO FERREIRA
04	<i>A GEOGRAFIA DE PAUL VIDAL DE LA BLANCHE DIANTE DO LITÍGIO GUIANÊS: A CIÊNCIA À PROVA DA JUSTIÇA</i>	Guy MERCIER	2009	DANDARA MIRANDA TEIXEIRA DE LIMA
05	<i>A GEOGRAFIA DE PAUL VIDAL DE LA BLANCHE DIANTE DO LITÍGIO GUIANÊS: A CIÊNCIA À PROVA DA JUSTIÇA</i>	GUY MERCIER	2009	MACILDA SENA DOS SANTOS
06	<i>O OUTRO SOU EU: TESTEMUNHO DE UMA REENCARNAÇÃO</i>	ELIJAH ARY	2019	MARISA BORGES OLIVEIRA
07	<i>SEMINÁRIO 24: “A IGNORÂNCIA QUE SABE DE UM EQUÍVOCO DÁ ASAS AO AMOR”</i>	JACQUES-MARIE ÉMILE LACAN	1976	RAISSA DOS SANTOS ROCHA
08	<i>PARENTALIDADE E PSICANÁLISE</i>	LOUIS SCIARA	2016	LETÍCIA MARIA RAMOS MELO

**Bloco II: Literatura**

	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>ANO</b>	<b>TRADUTOR</b>
09	<i>A GAROTINHA DO SENHOR LIHN</i>	PHILIPPE CLAUDEL	2005	ANDRESSA MACHADO DE ALMEIDA
10	<i>VIAGEM AO REDOR DE MIM</i>	AÍLA DIOGO	s.d.	CYNTHIA DAS GRAÇAS PINTO MORAES
10	<i>QUANDO OS ESCRITORES FALAM DA LÍNGUA FRANCESA</i>	VIRGINE LÉROT	2017	NILDE SELMA AGUIAR CARVALHO

	TÍTULO	AUTOR	ANO	TRADUTOR
12	CONTOS E LENDAS DA FRANÇA	GALINA KABACOVA (org.)	1998	LUANA MATOS DE OLIVEIRA
13	CONTOS E LENDAS DA FRANÇA	GALINA KABACOVA (org.)	1998	ANA MÁRCIA EVANGELISTA LISBOA
14	A FESTA DAS ÁRVORES E DO CAÇADOR	RENÉ CHAR	1948	JOSÉ DE MOTA DE SOUZA
15	INFORTÚNIO	SCHOLASTIQUE MUKASONGA	2014	SISLENE COSTA DA SILVA
16	O PESCADOR E O VIAJANTE	JEANNE-MARIE LEPRINCE DE BEAUMONT	1806	VANESSA SOEIRO CARNEIRO

Terminada a etapa do debate das traduções, ocorreu a leitura pública no auditório do Centro Cultural do Ministério Público. As apresentações foram realizadas em duo, com leitura do original por um colega e do texto traduzido pelo participante/tradutor. Antes da realização das leituras públicas, foram feitos dois ensaios, visto que, devido à diversidade dos textos (teóricos, jornalísticos e literários), a coordenadora da oficina propôs maneiras diferentes para a execução de cada leitura para evitar o tom monótono da leitura sem expressividade.

O percurso da oficina deu-se da sala ao palco, ou seja, de uma posição corporal passiva à exigência de dar ao corpo movimentos que seguem a voz: a tentativa de traduzir pelo corpo a expressão, os sentidos e sutilezas das palavras do texto original ou do traduzido. Podemos dizer, então, que o processo de tradução foi múltiplo, já que, apesar do foco principal ser o texto, cada etapa e cada situação vivenciada durante a oficina eram uma faceta do ato de traduzir, culminando com a tradução posta em cena no palco, saída do papel pela voz e mesmo pelos gestos. Desse modo, buscamos dar à voz os autores traduzidos por meio da performance, a qual muda a recepção do texto, dando-lhe novas camadas de sentidos e de percepção, conforme evidenciam Flores e Gonçalves ao comentarem o projeto *Iliadahomero*, idealizada pelo diretor Octávio de Camargo:

propõe-se a representar a *Íliada* de Odorico, com um ator ou atriz a sós em cena para cada canto, com nada além de luz e voz. E, ao contrário do que muitos céticos poderiam supor ou imaginar, *o resultado, em performance, muda tudo. O que parecia confuso ou por vezes canhestro em Odorico transforma-se em poesia e teatro que tocam o público de modo único, a cisão tradicional entre oralidade e escrita se desfaz, porque a escrita se oraliza tal como a voz se escreve.* (FLORES; GONÇALVES, 2017, p.45 – grifos nossos)

Portanto, o palco foi a culminância de tudo, onde as performances lançaram outras perspectivas aos tradutores sobre suas traduções, já que devemos à voz os nossos projetos tradutórios, dando corporeidade e vida ao que, antes, estava apenas no papel. Ali já não se encontravam meros participantes, conhecidos ou desconhecidos uns dos outros, tal qual no princípio da oficina na UFMA, mas um grupo que já tinha uma sólida formação interpessoal, a qual construiu uma cumplicidade nas trocas tanto no trabalho com a tradução quanto na vida pessoal de alguns. Traduziu-se, por conseguinte, o desconhecido em amizades e em relações de parcerias que se estendem até hoje.

Pensar o ato de traduzir aplicado apenas aos textos e seus usos variados na vida cotidiana é algo comum e tradicional; no entanto, ao pensarmos de forma mais ampla, veremos que a vivência humana resume-se numa busca por traduzir-se em gestos, ações, emoções, sentimentos, etc. Desse modo, fora os relatos unânimes, ao longo de toda a oficina, sobre sua relevância tanto para o público acadêmico quanto para o público em geral, vale evidenciar o relato particular de uma das participantes, a qual fala de uma experiência bem subjetiva:

(...) a Oficina me deslocou da minha lógica, do meu eixo e me empurrou da minha concepção de mundo para o mistério da linguagem através da tradução, de que esta não se tratava de transpor o sentido de uma língua a outra pois a comunicação não está na palavra em si, mas talvez além, na sua fonte simbólica, no seu modo de intencionar e formar, na impossibilidade mesma de que ocorra, na sua imagem primordial arquetípica que sempre vai nos inspirar de forma particular e individual.

Tal relato condensa de certa forma toda amplitude do ato de traduzir, evidenciando que é inerente ao ser humano, como o poeta Ferreira Gullar expressa nas estrofes finais do poema “Traduzir-se”:

Uma parte de mim  
é só vertigem:  
outra parte,  
linguagem.

Traduzir uma parte  
na outra parte  
— que é uma questão  
de vida ou morte —  
será arte?

(GULLAR, S/D, S/P)

O que há nos múltiplos interstícios da tradução – seja a textual, seja a que se dá nos atos e processos humanos – é capaz de revelar os rastros nem sempre precisos da nossa tentativa na busca de uma forma ou expressão pela linguagem, a qual se relaciona direta ou indiretamente à “fonte simbólica” de um povo, de um sujeito, de um tempo. Traduzir todo esse amálgama num determinado fim, como a literatura e suas diversas formas, a pintura, a escultura, o canto, a dança, os ritos culturais e as tradições, é uma forma de arte.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto "Vice-Versa, oficina de tradução do francês: das Ciências Sociais à literatura" é um projeto inédito tanto na Universidade Federal do Maranhão quanto na cidade de São Luís. Sua realização trouxe inúmeros benefícios àqueles que dela participaram. Os participantes tiveram a

oportunidade de trabalhar com textos com os quais possuíam afinidades. O fato das traduções feitas durante o projeto terem sido inéditas abre portas para futuras publicações. Desse modo, os participantes puderam adquirir conhecimento teórico e prático, além de começar a construir um portfólio que os ajudará caso decidam seguir na carreira de tradução.

É interessante destacar também que a maioria dos participantes da oficina foram mulheres. Essa presença majoritariamente feminina é um recorte de um Panorama ainda maior. Segundo Esqueda (2018), isso pode ser reflexo da feminização do magistério. Tal fato, para a pesquisadora, influencia igualmente o mundo da tradução, por estar conectado ao mundo da educação.

## REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: A teoria na prática**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

AUDIGIER, Émilie. Uma comparação de traduções de Guimarães Rosa para o francês. In: ATÁLLA, Márcia (org.). **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 133 – 146.

ESQUEDA, Marleide Dias. Ensino de tradução: culturas pedagógicas. In: *Trab. Ling. Aplic.*, v. 57, v. 2, mai./ago, 2018. Campinas: UNICAMPI, p. 1244-1273, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651880/18340>. Acesso em: 20/05/2021.

\_\_\_\_\_. Ensino de tradução: Perfis e abordagens pedagógicas de docentes brasileiros e canadenses. In: *Belas Infiéis*, v. 9, n. 1, 2020. Brasília: UNB, p. 127-166, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/24657/25076>. Acesso em: 20/05/2021.

GONTIJS FLORES, Guilherme, Tadeu Gonçalves, Rodrigo. *Algo infiel corpo performance tradução*, Editora Cultura e Barbárie Desterro, Florianópolis, 2017

GULLAR, Ferreira. “Traduzir-se”. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ferreiragullar.html#traduzir>. Acesso: 13/06/2021.

SAMOYAUULT, Tiphaine, *Traduction et violence*, Fiction & Cie, Seuil, 2020

SCHLEIERMACHER, Friedrich E. D. Sobre os diferentes métodos de traduzir. In: *Princípios*. Natal, v. 14, n. 21, jan./jul. 2007. p. 233 – 265.